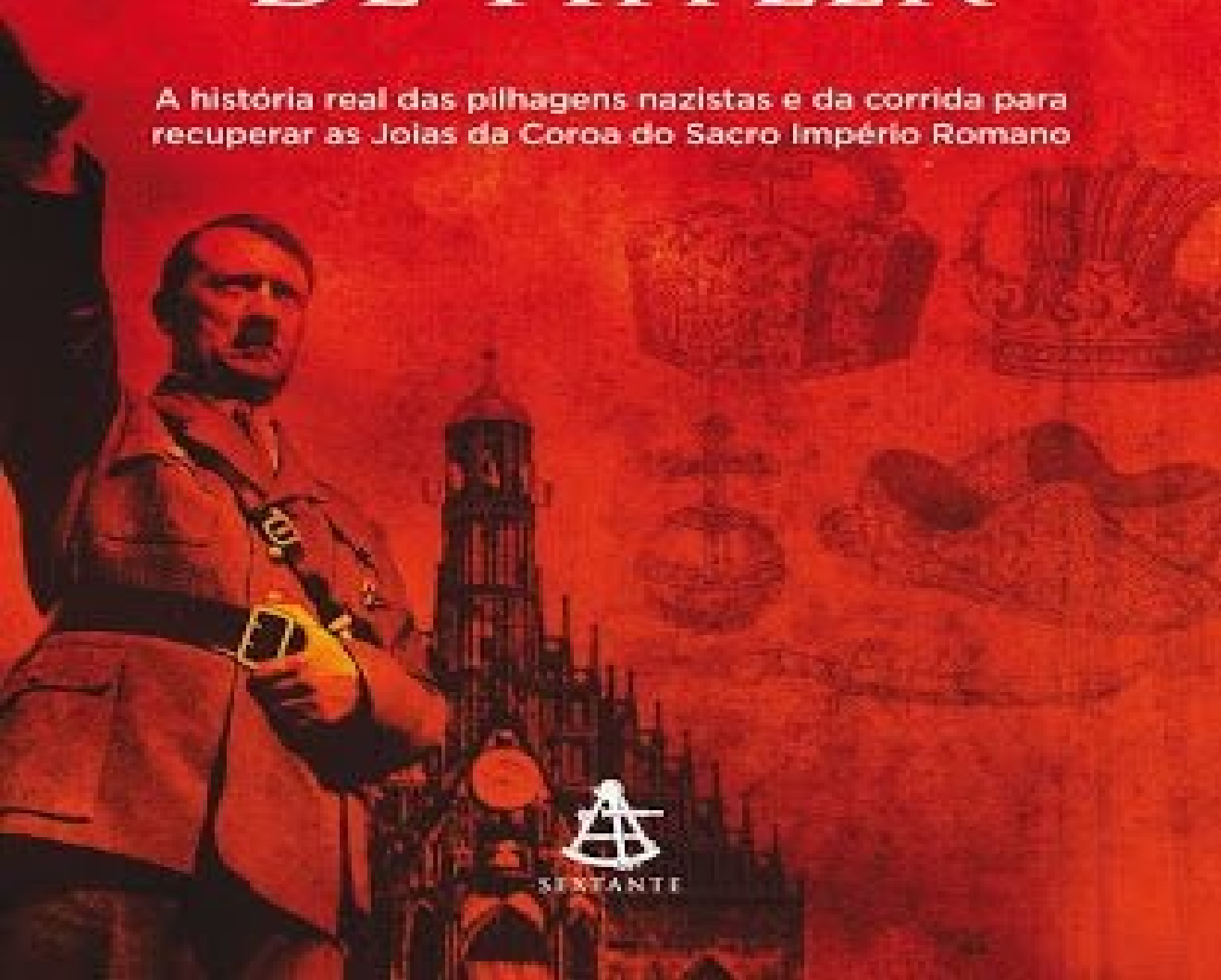


SIDNEY D. KIRKPATRICK

# AS RELÍQUIAS SAGRADAS DE HITLER

A história real das pilhagens nazistas e da corrida para recuperar as Joias da Coroa do Sacro Império Romano



SEXTANTE

AS RELÍQUIAS  
SAGRADAS  
DE HITLER

SIDNEY D. KIRKPATRICK

AS RELÍQUIAS  
SAGRADAS  
DE HITLER



SEXTANTE

Título original: *Hitler's Holy Relics*  
Copyright © 2010 por Sidney Kirkpatrick  
Copyright da tradução © 2011 por GMT Editores Ltda.  
Publicado mediante acordo com Simon & Schuster, Inc.  
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução*

Ivo Korytowski

*preparo de originais*

Cristiane Pacanowski

*revisão*

Luis Américo Costa e Tereza da Rocha

*projeto gráfico e diagramação*

DTPPhoenix Editorial

*capa*

Rodrigo Rodrigues

*produção digital*

SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

Kirkpatrick, Sidney D., 1955-

As relíquias sagradas de Hitler [recurso eletrônico] / Sidney D. Kirkpatrick [tradução de Ivo Korytowski]; Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

recurso digital

Tradução de: Hitler's holy relics

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

K65r ISBN 978-85-431-0041-8 (recurso eletrônico)

1. Horn, Walter William, 1908–1995. 2. Allied Forces. Supreme Headquarters. Monuments, Fine Arts and Archives Section – História. 3. Joias da coroa – Áustria – História – Século XX. 4. Roubo de objetos de arte – Alemanha – História – Século XX. 5. Guerra Mundial, 1939-1945 – Confisco e contribuições – Alemanha. 6. Guerra Mundial, 1939-1945 – Arte e a guerra. 7. Guerra Mundial, 1939-1945 – Destruição e pilhagem. 8. Tesouros artísticos na guerra – Europa – História – Século XX. 9. Patrimônio cultural – Proteção – Europa – Século XX. 10. Hitler, Adolf, 1889-1945. 11. Nazismo. 12. Segunda Guerra Mundial. 13. Livros eletrônicos. I. Título.

14-  
09410

CDD: 943.086  
CDU: 94(430)'1939/1945'

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
GMT Editores Ltda.  
Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo  
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: [atendimento@esextante.com.br](mailto:atendimento@esextante.com.br)  
[www.sextante.com.br](http://www.sextante.com.br)

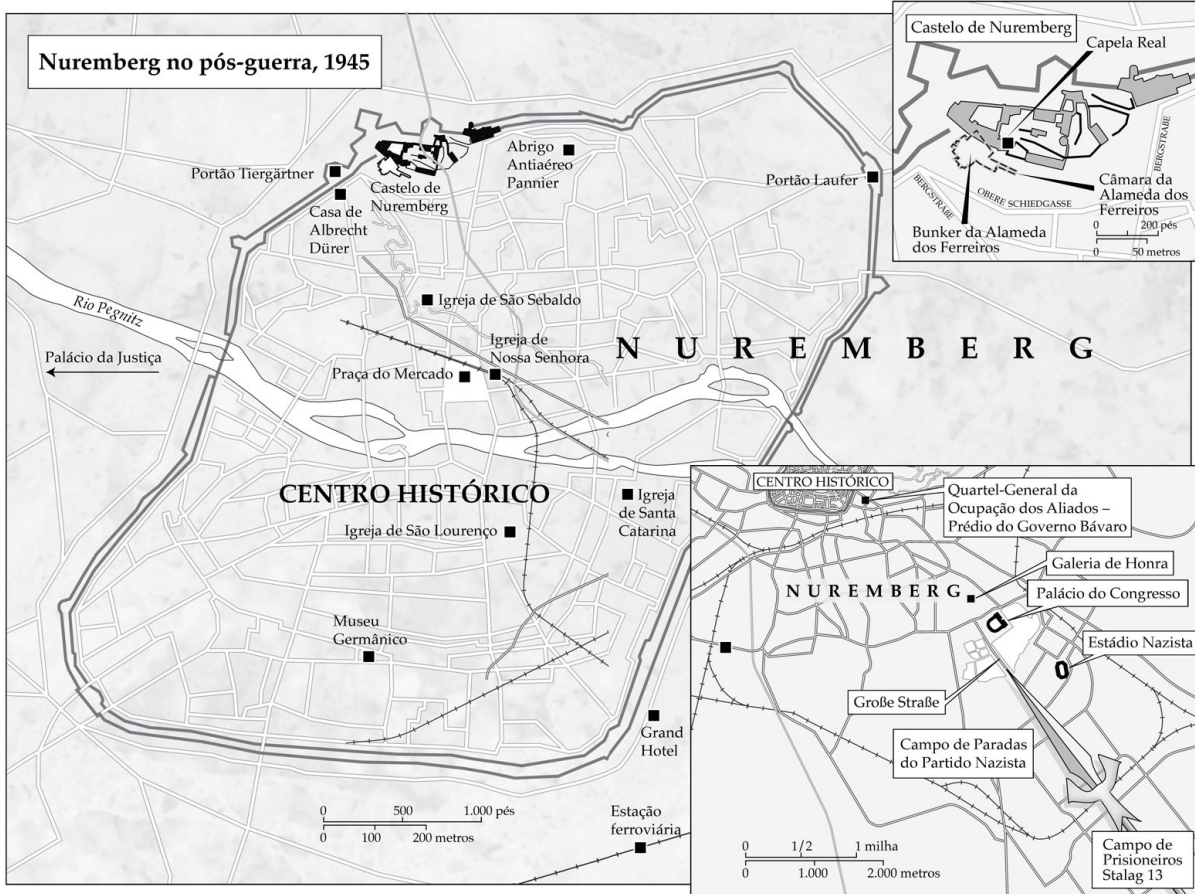
*Para Alexander Kirkpatrick*

Os homens anseiam mais pela glória do que pela virtude. A armadura de um inimigo, seu capacete quebrado, a bandeira arrancada de um navio conquistado são tesouros mais valorizados do que todas as riquezas humanas. É para obter esses símbolos de glória que generais, sejam eles romanos, gregos ou bárbaros, enfrentam milhares de perigos e suportam inúmeras provações.

*Juvenal, poeta romano do século II*

## Nota do autor

A HISTÓRIA REAL A SEGUIR BASEIA-SE em registros militares, correspondências, diários, entrevistas, material de arquivos e nas memórias orais inéditas da Segunda Guerra Mundial de Walter Horn, professor de história da arte da Universidade da Califórnia em Berkeley.



# Alemanha no pós-guerra, 1945



## Capítulo 1

# Alameda dos Ferreiros

*23 de fevereiro de 1945*

TODAS AS MANHÃS, como o mecanismo de um relógio, os bombardeiros aliados escureciam os céus sobre Namur, na Bélgica. No último inverno da Segunda Guerra Mundial, centenas de aviões, às vezes até mil, em grandes esquadilhas conhecidas como fluxos de bombardeiros, trovejavam sobre as cidades durante uma hora ininterrupta ou mais, deixando rastros de fumaça de quilômetros de extensão que permaneciam no ar bem depois de as aeronaves terem desaparecido e de os bombardeiros terem lançado sua carga letal sobre alvos na Alemanha e no Leste Europeu.

A chegada dos fluxos de bombardeiros aterrorizava os soldados alemães detidos no centro de detenção do Exército americano nos campos cobertos de neve da periferia de Namur. Amontoados e tremendo nas áreas de confinamento, os prisioneiros olhavam ansiosos para o céu, receando o horror prestes a ser lançado sobre os amigos e familiares em sua terra natal. Seus captores americanos também observavam o sobrevoo dos aviões, mas em vez de medo sentiam uma admiração tremenda pelas equipes de bombardeio e seu poder de fogo. Elas eram o martelo de prata que estava destruindo a máquina de guerra nazista e logo possibilitaria ao exército aliado aniquilar Adolf Hitler em seu próprio país. As missões de bombardeio – que eram deflagradas dia e noite e tinham como objetivo atingir não apenas alvos militares, mas também áreas industriais, destruindo cidades inteiras – eram o preço que a Alemanha pagava por sua prolongada resistência.

O primeiro-tenente Walter Horn, um dos 10 interrogadores do 3º Exército americano baseados no Campo Namur que falavam alemão, aguardava com um misto de emoções a chegada diária dessas esquadilhas. Aos 36 anos, com tórax e

ombros largos, aparência de astro de cinema e uma esposa impaciente esperando por ele em casa, em Point Richmond, à margem da baía de São Francisco, Horn sentia imenso orgulho da capacidade americana de fabricar, abastecer, conservar e mobilizar milhares de aeronaves carregadas de bombas, lançando-as centenas de quilômetros dentro do território inimigo. Embora ainda não tivesse disparado uma arma em combate em dois anos de serviço e sua unidade de inteligência móvel, comandada pelo general George S. Patton, permanecesse confortáveis 80 quilômetros atrás das linhas de frente, Horn reconhecia o destemor e a coragem das equipes aéreas e sentia uma afinidade especial com os milhares de outros integrantes – soldados de artilharia e infantaria, médicos e paramédicos, cozinheiros, auxiliares e intendentes – do maior, mais ágil e mais bem equipado exército que já existira.

Mas a visão dos fluxos de bombardeiros também deixava Horn bastante ansioso. Como os prisioneiros que interrogava, ele havia nascido e fora criado e educado na Alemanha. Nunca sabia se um dos bombardeiros despejaria sua carga nos arredores da casa de sua família em Heidelberg ou se um dia veria o semblante de seu irmão mais velho, Rudolf, entre os rostos desesperados de prisioneiros capturados e feridos.

Naquele inverno, o tenente Horn recebera ordens de ajudar a descobrir se Hitler utilizaria armas químicas e biológicas quando o exército aliado atravessasse o rio Reno e adentrasse o coração da Alemanha. Circulavam rumores de que os alemães, em uma última tentativa desesperada de abalar o moral das forças aliadas que se aproximavam, recorreriam a tais armas, como fizeram nas trincheiras da França 27 anos antes.

A unidade de inteligência móvel de Patton preparara um questionário detalhado para extrair a verdade dos detentos. Os interrogadores não perguntavam a eles diretamente sobre estoques de armas. Em vez disso, obtinham a informação por meio de quatro dentre 150 perguntas aparentemente aleatórias. As respostas ajudavam a descobrir se os soldados haviam sido ensinados a usar armas químicas e biológicas em batalha e se existiam abrigos para a população civil escondidos atrás das linhas inimigas. Mil e quinhentos soldados rasos, selecionados da infantaria da Wehrmacht capturada na Bélgica após a Batalha das Ardenas, haviam sido enviados a Namur com esse propósito. Como as instalações eram inadequadas, muitos dos interrogatórios eram

realizados ao ar livre. O escritório de Horn, situado atrás das áreas cercadas dos prisioneiros, consistia em dois caixotes de laranjas vazios, uma pequena mesa emprestada por uma escola primária próxima e uma pilha de questionários e lápis.

Horn já havia entrevistado 35 prisioneiros em 23 de fevereiro de 1945 quando um guarda do campo levou até ele Fritz Hüber, de 48 anos, soldado raso da 2ª Divisão Blindada alemã. Magro e pálido, Hüber trajava o mesmo uniforme mal-ajustado em que havia sido capturado, três semanas antes. Embora velho pelos padrões do exército aliado, Hüber não era um recruta incomum da Wehrmacht, pois os alemães, após mais de cinco anos de guerra contínua, estavam recrutando soldados dos 16 até os 60 anos, misturando-os em unidades de veteranos experientes nos campos de batalha e fazendo com que cavassem trincheiras, transportassem equipamentos nas costas ou em carroças e ajudassem no que fosse necessário. A mão de obra alemã, assim como o óleo diesel para acionar os tanques, era um recurso agora escasso.

Recrutado em Nuremberg, Hüber havia recebido menos de um mês de treinamento antes de ser conduzido, sob a neve, para combater na Bélgica. Nada conhecia sobre armas químicas ou biológicas. Horn conferiu as respostas do soldado raso em rápida sucessão, obtendo nada mais do que “sim”, “não” e “não sei”.

Terminada a entrevista, Horn estava pronto para dispensar seu prisioneiro. No entanto, como o tenente observaria mais tarde num relato detalhado que fez da entrevista, subitamente mudou de ideia. Olhando para o deplorável soldado raso Hüber do outro lado da mesa, abatido pela falta de sono e sofrendo claramente de reumatismo no frio úmido, Horn ofereceu a ele um cigarro e uma xícara de café e perguntou se sabia de algo que pudesse interessar à inteligência americana.

A careta que Hüber fez foi a de um menino que tivesse levado bomba num exame na escola. Os olhos ficaram marejados. Ele queria ajudar, ser útil.

O tenente testemunhara reações daquele tipo antes. Via-as quase todo dia entre prisioneiros que haviam perdido tudo exceto a vida. Homens como Hüber, recrutados nas ruas pela Gestapo ou removidos à força de suas casas e obrigados a servir à pátria, não eram nazistas convictos ou arrogantes. Muitos já haviam perdido filhos e esposa na guerra ou tinham visto seus lares serem incinerados. Eram combatentes relutantes. Depois de se renderem ao inimigo, serem

despojados de suas posses e conduzidos como gado às áreas de confinamento, a maioria perdera os últimos vestígios de autoestima. Como uma afronta final, eles agora viam e ouviam os fluxos incessantes de bombardeiros sobre suas cabeças e sabiam que a situação era realmente desesperadora. Os novos e tão alardeados interceptadores de jatos Messerschmitt de Hermann Göring não eram avistados em lugar nenhum. Se Hitler realmente possuísse uma arma secreta que viraria a maré da guerra, como o ministro da Propaganda Joseph Goebbels havia prometido ao povo alemão, àquela altura do confronto já a teria empregado.

Hüber e seus colegas prisioneiros sabiam que ninguém viria resgatá-los. No entanto, apesar do desespero evidente dos prisioneiros, Horn notava um estranho paradoxo neles. Aqueles soldados de infantaria, mesmo os que haviam começado como partidários do sonho insano do Führer de dominar o mundo, ainda desejavam ser úteis, queriam ter alguma importância. Estavam desesperados para ajudar alguém, mesmo que fosse o inimigo. O soldado raso Hüber e inúmeros outros como ele seriam os homens que um dia retornariam para casa a fim de reconstruir sua nação.

O prisioneiro respondeu a Horn que infelizmente não poderia ajudar em nada.

O tenente não esperava ouvir mais coisa alguma dele. Mas, quando Hüber terminou seu café e Horn ia sinalizar aos guardas do campo que o levassem de volta à área de confinamento, o rosto do soldado subitamente se iluminou.

– Você se interessa por arte e antiguidades? – perguntou Hüber.

Horn abriu um enorme sorriso. O soldado alemão não tinha como saber que, na vida civil, seu interrogador era professor de história da arte da Universidade da Califórnia em Berkeley ou que anos atrás, antes de fugir da Alemanha nazista, estudara história da arte em Hamburgo, Munique e Berlim, obtendo o doutorado sob a orientação do medievalista de renome internacional Erwin Panofsky, e completara o pós-doutorado com Bernard Berenson em Florença, na Itália. Não havia outro assunto que o Dr. Walter Horn estivesse mais interessado em discutir do que arte e antiguidades.

– O que você sabe? – perguntou Horn.

Hüber se retesou na cadeira e dirigiu-se ao tenente como se estivesse sendo interrogado por um superior do Exército alemão.

– Existe um tesouro oculto num bunker sob o Castelo de Nuremberg. O esconderijo foi cavado na rocha sob o penhasco de arenito. É altamente secreto.

Apenas o Reichsführer Himmler, seus auxiliares e algumas autoridades da cidade, além de operários que trabalharam no local, sabem algo a respeito.

– Heinrich Himmler, você quer dizer? Da SS?

Hüber assentiu solenemente com a cabeça, acrescentando que o bunker se localizava bem fundo na base do castelo, mas que seu túnel de entrada dava para a rua.

Intrigado, Horn pediu a Hüber mais detalhes.

O prisioneiro explicou que a entrada ficava camuflada de modo a parecer a garagem de uma loja de antiguidades numa alameda na parte antiga da cidade, com um letreiro que anunciava Antiguidades – Novas e Velhas.

Como Horn mais tarde notaria, Hüber fez uma pausa como que retendo a imagem da loja em sua mente. O pensamento pareceu trazer um tênue sorriso ao seu rosto. Então ele ficou mais relaxado, até otimista.

O prisioneiro continuou a descrever a disposição do bunker. Revelou que o estacionamento coberto, com suas portas camufladas, levava a um túnel comprido que descia cerca de 60 metros sob a superfície. Ao fim do túnel havia um bunker de 370 metros quadrados, construído com concreto reforçado, com cinco células de armazenamento separadas e uma câmara blindada grande o suficiente para se estacionar um pequeno caminhão lá dentro. A instalação era totalmente independente. Os guardas do bunker tinham seus próprios alojamentos, geradores elétricos, combustível, água potável, suprimentos de comida e equipamento de rádio. Havia respiradouros que davam para a superfície e um sistema de purificação do ar, para o caso de a cidade sofrer um ataque de bombas incendiárias.

– Se esse local é tão secreto – perguntou Horn cautelosamente –, como você ficou sabendo dele?

O rosto de Hüber se animou.

– Porque a minha família mora acima da loja de antiguidades. Meu pai é o encarregado da manutenção da unidade de ventilação que regula a temperatura e a umidade do bunker. Minha mãe evita que as obras de arte e os artefatos sejam danificados por mofo e insetos. Ela precisa usar luvas especiais quando entra nas unidades de armazenamento. Vez por outra, borrifa a instalação com pesticida.

Horn ouvia com fascínio crescente enquanto Hüber contava sobre alguns dos complexos dispositivos de segurança do bunker. Nem mesmo os guardas que

protegiam a instalação tinham acesso às unidades de armazenamento, e nenhuma pessoa desacompanhada, exceto Himmler e o prefeito de Nuremberg, Willy Liebel, tinha permissão de adentrar a câmara blindada. Duas chaves e um código de cinco dígitos eram necessários para abrir sua porta externa de 30 centímetros de espessura e uma segunda porta interna com barras de aço.

– Que tipo de arte é guardado no bunker? – quis saber Horn.

Hüber mencionou diversos dos mais de 100 objetos que estariam abrigados nas diferentes salas, entre eles gravuras e águas-fortes de Albrecht Dürer, esculturas de Adam Kraft e Veit Stoss, códices medievais, mapas, instrumentos musicais do Renascimento e vitrais góticos. Tudo estava listado num catálogo de fichas diante da sala da guarda, no salão principal, e era periodicamente verificado pelo prefeito ou seu secretário.

Impressionado, Horn perguntou o que era mantido na câmara blindada.

Hüber respondeu sem titubear. Dentro dela havia uma série de artefatos embalados em caixotes de madeira. Um deles, enorme, continha um estojo de vidro com os paramentos de um rei, bordados com figuras de camelos e leões adornadas com pérolas. Outro caixote, com a palavra “Mauritius” inscrita na lateral, continha uma espada antiga. Um terceiro caixote continha uma coroa coberta com safiras, rubis e ametistas brutas. Ao lado estavam guardados um cetro de prata e uma maçã de ouro com uma cruz incrustada de joias no topo. Em sua própria caixa de couro, sobre uma almofada de veludo vermelho, jazia uma antiga ponta de lança romana, à qual os visitantes da câmara – entre eles o próprio Himmler – se referiam como a “Lança Sagrada”.

Horn estava ao mesmo tempo entusiasmado e perturbado com o relato de Hüber. Não dispunha de informações suficientes para identificar as origens das obras de arte guardadas no restante do bunker, mas a combinação de tesouros ocultos na câmara pertencia a uma coleção legendária de artefatos que haviam sido detalhados em inúmeras pinturas medievais e manuscritos monásticos.

Os paramentos reais, bordados com os camelos e leões característicos, haviam sido feitos no início do século XII em Palermo, na Itália, tendo sido usados pelos grandes soldados-reis da Europa medieval. A espada imperial – às vezes denominada “Espada de Maurício” – tinha esse nome em homenagem ao centurião romano martirizado e combatente legendário da Legião Tebana. A coroa, o cetro e o orbe em forma de maçã haviam pertencido, entre outros, ao rei

Frederico Barbarossa, o temível monarca de barba ruiva que governou do Castelo de Nuremberg e morreu durante a Terceira Cruzada à Terra Santa. Mas foi a menção de Hüber à antiga ponta de lança romana que identificou, sem sombra de dúvida, a coleção. A Lança Sagrada, também conhecida como Lança de Longino e Lança do Destino, supostamente foi a arma que dilacerou o flanco de Cristo na crucificação, tendo sido subsequentemente usada em batalha pelos imperadores Constantino e Carlos Magno.

Os objetos na câmara subterrânea constituíam as Joias da Coroa do Sacro Império Romano, a mais valiosa coleção de artefatos de toda a Europa. Em sua tentativa de dominar o mundo, Hitler removera-os do tesouro real em Viena, na Áustria, exibindo-os por um breve período em Nuremberg. O local em que o Führer os havia ocultado depois que começaram os bombardeios sobre a Alemanha e a integridade da coleção eram objeto de intensa especulação entre historiadores da arte e curadores de museus mundo afora.

Horn não tinha nenhum motivo para duvidar da história do prisioneiro. Hitler saqueara a Europa, roubando todo tipo de tesouro, desde pinturas de Leonardo da Vinci e esculturas de Michelangelo até preciosos ícones russos e poloneses e manuscritos monásticos medievais. Nuremberg, a segunda maior cidade da Baviera, era um lugar natural para o ditador alemão salvaguardar seus despojos. A cidade antiga, com seu enorme castelo medieval construído sobre uma montanha de arenito vermelho, representava o coração do Estado nazista, sentimentalmente ligado a seu passado mítico, e era o local de enormes comícios organizados pelo Partido Nazista para glorificar o futuro do regime. O próprio Horn ouvira Hitler declarar pelo rádio que Nuremberg era “a mais alemã de todas as cidades alemãs” e “a arca do tesouro do Partido Nazista”. Horn sempre achou que Hitler usara a expressão em sentido figurado. Mas, pelo que Hüber estava dizendo, não era bem assim.

Obedecendo às ordens do tenente, o prisioneiro escreveu os nomes de seus pais, depois desenhou um mapa no verso de um questionário do Exército detalhando a localização exata da entrada do bunker subterrâneo numa alameda estreita que, em uma das extremidades, dava para o castelo histórico de Nuremberg e, na outra, para uma praça de pedras de cantaria e construções medievais, entre as quais a antiga residência e o ateliê de Albrecht Dürer. O endereço era Alameda dos Ferreiros, 52.

Naquela noite, depois que Horn devolveu uma pilha de questionários ao seu comandante, pediu uma máquina de escrever emprestada ao suboficial Felix Rosenthal, seu amigo e colega interrogador nascido na Alemanha, e passou o resto da noite no rancho dos oficiais redigindo um relato detalhado da entrevista que fizera com Fritz Hüber. Tinha todos os motivos para acreditar que, ao chegar ao serviço de inteligência do Exército, seu relatório seria soterrado numa pilha de documentos considerados inúteis ao esforço de guerra, e, se por algum motivo passasse pela cadeia de comando até alcançar o quartel-general de Patton, sabia quão improvável seria que um oficial de operações de combate reconhecesse a recuperação das Joias da Coroa do Sacro Império Romano como um objetivo militar significativo.

Apesar das dúvidas quanto à chance de seu relatório chegar ao topo da cadeia de comando, Horn escreveu dois textos, escolhendo suas palavras com os mesmos cuidado e atenção aos detalhes que empregava nos artigos publicados em importantes revistas de história da arte antes da guerra. Satisfeito com o resultado final, lacrou o relatório junto com o mapa desenhado por Hüber num envelope e endereçou-o ao quartel-general do serviço de inteligência do 3º Exército de Patton, em Paris.

## Capítulo 2

# Monuments Men

19 de julho de 1945

A GUERRA NA EUROPA TERMINOU menos de três meses depois, em 8 de maio de 1945. Milhares de cidades ficaram em ruínas por causa do poder de um único homem, Adolf Hitler. Enquanto o tempo esquentava e flores silvestres começavam a brotar, o fedor de um sem-número de homens, mulheres e crianças mortos subia dos escombros. Porém muitas das mais horripilantes realidades da máquina assassina nazista estavam apenas começando a vir à luz. Mesmo os veteranos mais endurecidos pelos combates ficaram abismados com as cenas incompreensíveis de desnutrição, doença e massacre puro e simples que viram nos campos de extermínio alemães, onde milhões de judeus e outras pessoas consideradas indesejáveis foram subjugados pela fome, e depois torturados e assassinados pelos nazistas.

Em vez de retornar para casa e voltar a lecionar em Berkeley, e contra a vontade de sua esposa, Horn havia se juntado à campanha para capturar e responsabilizar a liderança do Reich, que trouxera tanto horror e miséria ao mundo. Acompanhado de seu amigo e colega interrogador Felix Rosenthal, saiu da Bélgica com sua unidade, atravessou a França e cruzou o rio Reno em direção ao Campo Freising, na Alemanha, um centro de interrogatórios altamente secreto do 3º Exército americano, localizado numa pequena aldeia rural na periferia de Munique. Nesse meio-tempo, foi promovido e, em vez de interrogar soldados de infantaria alemães subalternos, passou a interrogar nazistas de alto escalão, tarefa para a qual era especialmente adequado.

Os nazistas mais notórios por ele interrogados foram Julius Streicher, o Gauleiter – líder provincial do Partido Nazista em Nuremberg – e editor execrável do *Der Stürmer*, o jornal semanal antissemita do Partido, detido

quando fugia da Baviera disfarçado de pintor de paredes, e Ernst Kaltenbrunner, chefe do Estado-Maior de Himmler, dirigente do Escritório Central de Segurança do Reich (o RSHA, na sigla em inglês), responsável pelos campos de extermínio, capturado num chalé isolado nas montanhas fazendo-se passar por um médico austríaco. O jeito instruído e relaxado de Horn era seu trunfo mais valioso. Mas foi sua capacidade incomum de identificar um sotaque específico que lhe valeu um reconhecimento modesto na comunidade de inteligência. Numa sessão de interrogatório notável, Horn descobriu a verdadeira identidade de um oficial da Gestapo ao localizar a área de Berlim em que o homem havia crescido e frequentado a escola.

Como recompensa pelo ótimo desempenho na função, Horn passou a trabalhar 10 horas por dia no Campo Freising, numa cela sem janelas de um antigo quartel do Exército alemão. A única mordomia do cargo, além do pronto acesso a arquivos confidenciais e relatórios de inteligência, era não ter que dormir num catre nem comer no rancho dos oficiais. Graças a Rosenthal, a quem o general Patton encarregara de encontrar um local adequado para o centro de interrogatórios, Horn e ele estavam residindo na luxuosa casa de três quartos do ex-comandante alemão do quartel, que tinha água quente, sala de jantar, uma cozinha sofisticada e um gabinete revestido de madeira com sua própria biblioteca. Ele e Rosenthal não eram os oficiais de patente mais alta no complexo de Campo Freising, mas haviam chegado primeiro, antes que qualquer outro pudesse reivindicar aquelas acomodações.

Horn encerrara uma entrevista particularmente cansativa na quinta-feira, 19 de julho, quando recebeu ordens de se apresentar no quartel-general do comando das Forças Americanas no Teatro Europeu (USFET, na sigla em inglês), em Frankfurt. Assim que viu o timbre das USFET e o selo oficial do Comandante Supremo Aliado Eisenhower no rodapé das ordens, Rosenthal logo suspeitou de que perderia Horn para uma unidade de inteligência concorrente. Mas nenhum dos dois interrogadores, ambos profundamente envolvidos na compilação de dossiês para uso nos futuros tribunais de crimes de guerra, associou as ordens que Horn recebeu ao relatório que este havia preparado no Campo Namur.

Como Rosenthal mais tarde recordaria, ele e Horn concluíram que outro nazista de alta patente havia sido capturado. “Talvez tenham prendido

Bormann”, tentou adivinhar o tenente.

Rosenthal admitiu que seu colega podia estar certo. Martin Bormann, secretário de Hitler e chefe da Chancelaria do Partido, encabeçava a lista de oficiais nazistas desaparecidos, tendo sido objeto de especulações entre os agentes de inteligência do Campo Freising. Ninguém sabia para onde Bormann havia fugido depois de visitar o bunker de Hitler em Berlim no dia do suicídio do Führer. De acordo com Erich Kempa, o chofer de Hitler, na época interrogado por Horn e Rosenthal, Bormann escapara a pé por um túnel do metrô de Berlim com o líder da Juventude Hitlerista. Eles pretendiam encontrar-se com tropas legalistas que os levariam para fora da Alemanha. Muitos agentes da inteligência aliada acreditavam que Bormann tivesse fugido para o Brasil em um submarino ou aderido ao exército de resistência secreto de Himmler, liderado pelo chefe da Gestapo Heinrich Müller, supostamente operando nos Alpes austríacos. Se Bormann tivesse sido de fato capturado, Horn – um astro em ascensão na comunidade de inteligência – seria a escolha lógica para interrogá-lo no Campo King das USFET, onde o alto-comando nazista capturado vinha sendo mantido.

Eles logo descobririam. Horn prometeu manter Rosenthal informado, obteve a autorização de seu comandante para a viagem e, no início da manhã seguinte, conseguiu uma carona num veículo do Exército que seguiria para Frankfurt pela autoestrada.

Embora Horn gostasse da oportunidade de deixar o complexo de Freising, onde sentia-se um prisioneiro, e visitar uma cidade em que não botava os pés havia 10 anos, a viagem para o norte não foi um descanso agradável da realidade da Alemanha do pós-guerra. Anos antes, o percurso teria sido um passeio de três ou quatro horas por fazendas e pastagens bonitas e bem cuidadas. Mas naquelas circunstâncias a viagem consumiu metade de um dia, com sinais deprimentes da tragédia da guerra por toda parte. O único consolo de Horn foi que seu pai, Karl, um pastor luterano que morrera logo depois que Hitler subiu ao poder, não precisou viver a desolação e o desespero que dominaram o país que ele tanto amara.

Ao longo de toda a estrada esburacada pelas bombas viam-se esqueletos de automóveis, caminhões e tanques sem as esteiras. Mais desconcertantes foram os desfiles de ex-prisioneiros e soldados, e as procissões desamparadas de outros deslocados pelo conflito. Aqueles refugiados da guerra de Hitler faziam parte da

maior migração da história humana: russos retornando ao leste, franceses ao oeste, iugoslavos, italianos e austríacos rumando para o sul, além de alemães sem teto vagando em todas as direções. Alguns poucos afortunados viajavam de carro, caminhão, carroça ou bicicleta. Um sem-número de outros seguia a pé, calçando ou não sapatos, levando panelas, caçarolas, garrafas d'água e, ocasionalmente, um bebê nas costas.

A proximidade de Frankfurt não mostrou nenhum ponto de referência familiar, apenas fileiras de chaminés solitárias. Alguns prédios esparsos permaneciam de pé, mas até eles eram estruturas vazias. O cenário dentro da cidade era ainda mais deprimente. O centro medieval de Frankfurt, antes o maior e mais opulento de toda a Alemanha, havia sido arrasado. Com exceção de duas ou três grandes vias públicas, as ruas jaziam soterradas sob escombros. Caminhando penosamente por elas, o mesmo mar de rostos desamparados com olhos encovados visto na autoestrada, só que esses eram mais desesperados porque não tinham nenhum outro lugar para ir. Ou bem já estavam em casa, ou faltavam-lhes a força, os meios ou a sabedoria para prosseguir.

Paradoxalmente, o imenso complexo de prédios nazista que agora abrigava o quartel-general das USFET, no que havia sido o elegante distrito oeste da cidade, estava intocado pela guerra. O edifício de nove andares cor de areia fora a sede mundial da I. G. Farben, a maior indústria química da Alemanha. Lá, Fritz Termeer, chefe de pesquisas da companhia, desenvolvera o processo para transformar carvão em petróleo e borracha sintética. Fora lá, também, como o serviço de inteligência dos Aliados agora sabia, que ele formulara o Zyklon B, o gás letal que atinge o sistema nervoso usado nos campos de concentração de Himmler. Que aquele prédio tivesse permanecido intacto quando igrejas, bibliotecas, museus e escolas de Frankfurt haviam queimado era um tema de discussão comum aos Aliados e aos alemães. Entre os agentes de inteligência circulavam rumores de que o general Eisenhower ordenara que o complexo da Farben fosse poupado porque o queria como seu quartel-general. Talvez também fosse verdade que os bombardeiros não o tivessem alvejado por causa de uma prisão adjacente, na qual estavam abrigados alguns milhares de soldados das forças aliadas.

Muitos visitantes do prédio ultramoderno achavam a arquitetura inspiradora, com seu espelho d'água e suas áreas ajardinadas. Para Horn, no entanto, tratava-

se de uma fortaleza de concreto sem graça, representante de tudo o que mais detestava na arquitetura estéril e utilitária dos nazistas. Mas ele não podia criticar suas qualidades técnicas. Após apresentar suas ordens ao posto de recepção do centro de comando, um policial militar o conduziu por uma rotunda principal até os elevadores, que funcionavam a partir de correias transportadoras, como as de escadas rolantes. Nenhuma porta se abria ou fechava. Os passageiros meramente pegavam a plataforma móvel em um andar e saltavam em outro.

Horn saltou no terceiro andar e seguiu seu acompanhante por um corredor espaçoso e imponente até um conjunto de escritórios. Não foi informado sobre quem seria seu contato até o tenente James Rorimer – estranhamente trajando botas de combate e uniforme de gala – se apresentar e explicar que Horn seria conduzido ao escritório do major Mason Hammond, chefe do Serviço de Monumentos, Belas-Artes e Arquivos (MFAA, na sigla em inglês).

O tenente Horn ainda não sabia por que havia sido convocado a Frankfurt, mas a menção do nome de Hammond e de seu cargo como supervisor do MFAA forneceu duas pistas importantes. Ele conhecera Hammond em Londres dois anos antes, quando ambos estavam em missão temporária na inteligência britânica. Após um encontro casual nas escadarias do British Museum, descobriram que ambos eram professores universitários na vida civil. Hammond, o mais velho, ocupava uma cátedra de prestígio na Universidade de Harvard, onde lecionava latim e grego e se especializara em história romana. Horn estava iniciando sua carreira em Berkeley, mas seu trabalho com Panofsky em Berlim e a bolsa de dois anos no Instituto Alemão em Florença tinham impressionado Hammond. Eles haviam passado uma tarde agradável percorrendo os veneráveis salões do British Museum e discutindo as sutilezas da arquitetura das igrejas florentinas. A guerra não fizera parte da conversa até o fim do dia, quando Hammond o convidou para jantar. Na época capitão, ele falara da possível formação do MFAA, a força militar aliada que seria encarregada de proteger monumentos históricos no campo de batalha e recuperar pilhagens nazistas. Hammond acreditava que poderia surgir um momento, após a invasão dos Aliados, em que o MFAA precisaria de alguém com as credenciais acadêmicas e militares de Horn. Aparentemente, o momento havia chegado.

Não bateram continência. O afável Hammond, de 42 anos, recebeu Horn em seu escritório com um aperto de mãos caloroso. Ele havia lembrado a tarde que

passaram juntos em Londres e perguntou a Horn sobre o andamento de um artigo que este vinha escrevendo sobre a Basílica de San Miniato, em Florença.

Horn admitiu que levara consigo um rascunho do artigo por dois continentes e sete países, mas que ainda não o havia submetido à avaliação de especialistas. Expressou também sua incerteza sobre uma possível publicação. Como tantas construções na Itália haviam sido destruídas, San Miniato talvez nem existisse mais.

Hammond assegurou ao tenente que a basílica continuava de pé, embora um pouco danificada. Ele percorrera seus claustros seis meses antes numa excursão do MFAA pela cidade. As magníficas pontes de Florença não haviam sobrevivido – todas, exceto uma, tinham sido explodidas pelo Exército alemão em retirada –, mas os monumentos e as igrejas principais da cidade, entre os quais o Duomo, resistiram às ocupações nazista e dos Aliados. Hammond prometeu lhe mostrar fotografias em uma outra ocasião. Queria saber sobre a entrevista de Horn com Ernst Kaltenbrunner, o chefe do Estado-Maior do RSHA de Himmler, e os detalhes de um escândalo que se desenrolava na comunidade de inteligência.

O tenente contou a ele o que sabia. Um dia após ter interrogado Kaltenbrunner para a G-2 do 3º Exército – uma unidade de inteligência que operava no nível de unidade e divisão –, o prisioneiro passou por outro interrogatório com um dos colegas menos habilitados de Horn nas USFET, que falhara na segurança da sala. Kaltenbrunner então pegara uma navalha que havia sido descuidadamente deixada sobre uma mesa e abrira o pulso numa tentativa de suicídio. Diversas outras entrevistas com nazistas de alto escalão haviam terminado de maneira igualmente desafortunada, com destaque para Heinrich Himmler, detido pelos britânicos, que se matou mastigando uma cápsula de cianureto.

Horn assegurou a Hammond que, embora Kaltenbrunner estivesse incapacitado de falar, o chefe do RSHA sobreviveria para ser julgado.

– Foi por isso que fui chamado a Frankfurt? – indagou Horn.

Hammond, cujas habilidades diplomáticas lhe valeram o cargo mais alto no MFAA, mostrou-se evasivo. Explicou que, até recentemente, o MFAA não havia prestado atenção em Kaltenbrunner ou seu superior imediato, Heinrich Himmler. A pilhagem de coleções de arte privadas ou públicas era basicamente de responsabilidade do marechal do ar Göring, do ideólogo Alfred Rosenberg e do subcomandante Martin Bormann. Não se tinha conhecimento de que o

Reichsführer Himmler mantivesse um opulento tesouro particular de arte. Ele tampouco participara abertamente dos empréstimos forçados, doações ilegais, vendas coagidas e confiscos diretos que criaram as vastas coleções de seus colegas. A maior parte dos bens encontrados no vagão ferroviário particular de Himmler, capturado em Dürrenberg, na Áustria, e num poço de mina próximo, consistia em livros e papéis que serviriam de base para o Reichsführer um dia escrever suas memórias.

– Esquadrões da morte eram sua ocupação preferida – declarou Horn, ecoando a impressão da equipe de inteligência da unidade G-2 do 3º Exército.

Hammond aceitou o que Horn disse sem comentários, apanhou um arquivo na escrivaninha, entregou-o ao tenente e explicou que Himmler não figurara nas investigações do MFAA até recentemente, quando a atenção do general Patton se voltou para algumas das atividades paralelas do Reichsführer.

Horn abriu o arquivo e ficou satisfeito ao descobrir dentro dele seu relatório do Campo Namur. Seu trabalho minucioso afinal não se perdera numa pilha no quartel-general do serviço de inteligência.

– Encontraram o bunker? – perguntou Horn.

Hammond respondeu que sim, exatamente onde o soldado raso Hüber dissera que ele estaria.

O major descreveu brevemente como o relatório de Horn havia chegado até o general Patton, que, além de ser um combatente aguerrido e consumado, tinha um conhecimento incomparável de história militar. Aparentemente, as obras de arte e os artefatos dos antigos soldados-reis do Sacro Império Romano exerciam um fascínio especial sobre o general.

O chefe do MFAA não sabia muitos detalhes, somente que Patton havia encaminhado o relatório ao general Alexander Patch, do 7º Exército americano. Este o repassou no início de abril ao general “Iron Mike” O’Daniel, cuja 3ª Divisão de Infantaria “Rocha do Marne” encabeçara a invasão de Nuremberg.

Hammond confidenciou a Horn que poucas de suas próprias solicitações ao MFAA receberam uma resposta tão rápida e oportuna como a que teve o relatório que o tenente enviara da Bélgica. Uma unidade de assalto Thunderbird havia penetrado no bunker no aniversário de Hitler, 20 de abril. O capitão John Thompson, oficial de ligação do MFAA em Nuremberg, teve dificuldades em localizar as chaves e o código de acesso a que o soldado Hüber se referira, mas

cinco células de armazenamento subterrâneas e a câmara principal acabaram sendo abertas e inventariadas. Hammond, acompanhado pelo tenente Thomas Carr Howe, tinha acabado de retornar de uma inspeção do local.

O que eles haviam achado, declarou Hammond, era incrível. Cada célula de armazenamento era independente, de modo que a temperatura e a umidade do ar pudessem ser individualmente controladas, protegendo o tipo específico de objeto artístico guardado lá dentro. Havia dois conjuntos de caldeiras, unidades de ar-condicionado e desumidificadores, para o caso de um deles dar defeito. As paredes estavam isoladas com camadas alternadas de alcatrão e fibra de vidro, e o chão era de um tipo novo de compensado formado de raspas de madeira dura e gesso. As obras de arte e os artefatos, admitiu ele, estavam mais bem protegidos e eram mais bem cuidados do que se estivessem no British Museum ou no Louvre.

Consultando a pasta aberta em suas mãos, Hammond citou diversas das antiguidades mais importantes. Identificá-las não era um desafio. Além das gravuras de Dürer que o soldado Hüber havia mencionado, lá estava o primeiro relógio de bolso do mundo, criado pelo artífice de Nuremberg no ano de 1500. Outra célula de armazenamento continha o célebre globo terrestre de Martin Behaim, que alguns estudiosos acreditavam ter influenciado as viagens de Colombo e Fernão de Magalhães. Uma terceira célula abrigava o *Codex Manesse*, um cancionero dos notáveis Mestres Cantores de Nuremberg e dos manuscritos medievais mais valiosos existentes. Horn e seu orientador, Erwin Panofsky, haviam examinado pessoalmente o manuscrito na Universidade de Heidelberg.

Hammond observou que a maioria dos objetos abrigados no bunker pertencia a museus e igrejas alemães e a coleções da cidade. Não eram obras pilhadas pelos nazistas nas nações ocupadas. Havia, porém, diversas exceções notáveis. Uma das células de armazenamento era exclusivamente dedicada a um altar, entalhado pelo renomado escultor Veit Stoss no século XV, que a SS de Himmler removera da Basílica da Virgem Maria de Cracóvia, na Polônia. O arcabouço pesado que suportava o altar continuava desaparecido, mas seus painéis e suas imagens douradas, de valor inestimável, estavam intactos.

Como acontecia com o códice que estudara em Heidelberg, Horn estava intimamente familiarizado com a obra-prima gótica de Veit Stoss. Medindo 15 metros de altura por 10 de largura, havia sido entalhada no início da carreira do mestre escultor, quando ele vivia no que seria hoje a Polônia, na época parte do

Sacro Império Romano.

Horn fez a primeira de diversas observações: cada objeto mencionado por Hammond tinha alguma relação com o passado remoto mais ilustre da Alemanha. O bunker da Alameda dos Ferreiros era nada menos do que a sala do tesouro histórico do Terceiro Reich. Foi isso que levou Horn a ir em frente e perguntar sobre os artefatos mais valiosos, as relíquias sagradas que, segundo o soldado Hüber, estariam guardadas na câmara lacrada.

Aquela coleção também havia sido achada. Segundo o catálogo, era composta de 17 caixotes, todos contendo as Joias da Coroa do Sacro Império Romano. Hitler as removera do tesouro real do Kunsthistorisches Museum, no Palácio Hofburg de Viena, para exibi-las em Nuremberg, e supostamente ordenara que fossem escondidas no bunker da Alameda dos Ferreiros depois que os bombardeiros dos Aliados começaram a atingir a cidade.

– A coleção está intacta?

– Esse é o problema – respondeu Hammond. – Dois dos 17 caixotes estão vazios e um desapareceu da câmara.

Hammond mostrou a Horn um inventário datilografado. Entre os 31 itens ainda presentes estavam os paramentos do rei, diversos objetos cerimoniais reais e uma coleção preciosa de relíquias ecumênicas que pertenceram aos imperadores do Sacro Império Romano. Entre os itens mais valiosos da câmara subterrânea estava a Lança Sagrada. Mas faltavam cinco dos tesouros mais importantes: a coroa imperial, o orbe, o cetro e duas espadas.

– Tem certeza de que não foram colocados no lugar errado ou escondidos em outra parte do bunker? – perguntou Horn.

Hammond tinha certeza absoluta. Ele havia ordenado que um arquivista e um curador do Museu Germânico de Nuremberg investigassem o sumiço.

O major entregou a Horn uma carta timbrada com a insígnia do museu. Ao pé da página estava a assinatura do Dr. Ernst Günter Troche.

A visão do nome de Troche foi uma surpresa agradável para Horn. Eles haviam estudado juntos sob a supervisão de Panofsky e, em certa época, dividiram um quarto em Berlim. Dificilmente Hammond poderia ter encontrado um historiador de arte alemão mais competente para examinar o bunker.

O tenente revelou isso a Hammond e expressou seu alívio pelo fato de Troche, que não fugira da Alemanha como Horn, ter sobrevivido à guerra e estar agora

no Museu Germânico de Nuremberg.

Hammond se mostrou satisfeito ao ouvir aquelas palavras, já que Horn seria liberado de suas tarefas no Campo Freising e viria para Nuremberg a fim de investigar o desaparecimento dos cinco artefatos. O tenente precisaria de toda a ajuda que conseguisse obter. O capitão Thompson, oficial de ligação do MFAA na cidade, estava tendo dificuldades. Não falava uma palavra de alemão nem tinha muitos conhecimentos de arte e antiguidades. Além disso, Hammond não confiava totalmente em Thompson ou em sua equipe. Ele recebera várias denúncias de Evelyn Tucker e Edith Standen, oficiais de campo do MFAA na Baviera, de que a segurança era precária em muitas instalações dos Aliados onde obras de arte pilhadas vinham sendo mantidas.

– Você acredita que os nossos próprios homens estejam envolvidos no desaparecimento dos tesouros? – perguntou Horn.

Hammond não sabia em que acreditar, mas admitiu que isso era possível, pois as joias da coroa imperial valiam uma fortuna. Se as denúncias de Evelyn e Edith eram exatas, milhões de dólares em pinturas, joias, tapetes e artefatos haviam desaparecido no mercado negro após a ocupação dos Aliados.

Horn tremeu ao pensar nos tesouros inestimáveis tendo suas pedras preciosas arrancadas ou, ainda pior, num cetro de 500 anos sendo derretido por ser feito de metais valiosos. Mas tais crimes não eram inéditos. O mercado negro prosperava na Alemanha ocupada. As pessoas estavam lutando para sobreviver, e oficiais e soldados rasos americanos não hesitavam em fazer vista grossa em troca de uma parcela dos lucros. Num relatório da unidade de inteligência G-2 que Horn lera, uma coleção valiosíssima de obras de arte e manuscritos medievais havia desaparecido de um mosteiro austríaco, indo parar nas mãos de um alto oficial do Exército americano. Outro oficial dos Estados Unidos tinha sido flagrado enviando a prataria e a pistola folheada a ouro de Hitler para a casa dos pais no Brooklyn, em Nova York.

– Alguma pista? – perguntou Horn.

O major respondeu que só havia rumores. O Dr. Troche e o capitão Thompson estavam convencidos de que os próprios nazistas removeram ou roubaram os cinco itens, antes que o Exército americano tomasse posse da instalação. Estavam correndo atrás de pistas, mas não haviam progredido muito.

Hammond caminhou até a janela de sua sala e convidou o tenente para se

juntar a ele. De onde estavam, podiam ver o pátio embaixo, diante do escritório do general Eisenhower. Ali, no meio do espelho d'água, estava a famosa estátua de uma ninfa das águas, do escultor Fritz Klimsch. Em outro cenário, essa obra-prima art déco criaria uma cena pastoral, mas a arquitetura nazista, a nuvem de poeira bege onipresente subindo das ruínas e as fileiras de chaminés nos prédios sem telhados mais além atrapalhavam.

Hammond lembrou a Horn o que este mencionara no relatório enviado da Bélgica: as Joias da Coroa eram o tesouro mais valioso da Europa. Por essa razão, Patton queria assegurar que os itens desaparecidos, onde quer que estivessem, quem quer que os tivesse levado, fossem recuperados e devolvidos à coleção. Segundo Hammond, Eisenhower também queria ver a questão resolvida o mais rápido possível e o autorizara a designar Horn para uma unidade investigativa especial do MFAA, a qual, por enquanto, não contaria com mais ninguém a não ser o tenente.

Cumprindo ordens, o major entregou a Horn vouchers de viagem, cupons alimentícios, credenciais do MFAA e uma autorização para usar um jipe e um motorista da frota das USFET. Como as ordens anteriores que Horn recebeu, aquelas tinham sido enviadas pelo escritório do Comandante Supremo Aliado, mas dessa vez não vieram seladas. Levavam a assinatura de Eisenhower em sua própria letra clara e fluente.

Horn sentiu-se lisonjeado e satisfeito. Ali estava sua chance de combinar as habilidades de interrogador com seus conhecimentos de história da arte. E como o mais novo membro da equipe do MFAA, estaria em muito boa companhia. James Rorimer, o principal auxiliar de Hammond na Baviera, tinha sido curador do Metropolitan Museum de Nova York. Charles Parkhurst, auxiliar do MFAA, estava licenciado da National Gallery, de Washington, e Harry Grier trabalhara na Frick Collection, de Nova York. Horn já conhecia o oficial de campo do MFAA, Thomas Carr Howe, que tinha sido diretor do museu do Palácio da Legião de Honra de São Francisco antes de a guerra começar. Talvez o mais importante e influente historiador de arte na Califórnia, Howe ajudara Horn a obter o cargo de professor em Berkeley.

Hammond reconheceu que praticamente todos os principais homens de sua equipe eram curadores e diretores de museus especialistas em belas-arts. No entanto, eles não tinham a experiência de Horn nos regulamentos,

procedimentos ou interesses militares estratégicos. Também lhes faltava a perspectiva singular que Horn tinha da Alemanha e da arte daquele país. Por isso o major estava entregando o caso ao tenente, e não a um dos oficiais mais graduados. A investigação das Joias da Coroa constituía uma questão delicada, que precisava ser tratada com muita cautela.

O major não falou diretamente, mas o que ele queria dizer ficou claro: precisava de Horn porque o tenente era alemão, conhecia a história daquele país e, ao mesmo tempo, não era nazista. Horn havia provado sua fidelidade à nação que o adotara e dispunha das credenciais de segurança apropriadas. Assim como Hammond, era um acadêmico e não possuía nenhum viés pessoal ou profissional explícito que afetasse os rumos da investigação. Em outras palavras, Horn não estava procurando reforçar uma coleção de museu específica da Europa ou dos Estados Unidos. Entretanto, para Hammond, isso não era totalmente verdade em relação aos outros membros de sua equipe ou ao alto-comando das USFET.

O mais importante era que Horn entendia perfeitamente o que estava em jogo.

O tenente integraria um grupo de elite relativamente pequeno de oficiais do MFAA que iriam supervisionar a maior transferência de arte pública e privada já ocorrida na história mundial. Assim como os pais procuravam seus filhos perdidos por toda a Europa, as vítimas dos saques nazistas – fossem indivíduos, museus, comunidades étnicas ou religiosas ou até países inteiros – estavam em busca de seus tesouros pilhados. Caberia aos Monuments Men de Hammond achá-los e devolvê-los. Nunca antes os vencedores de uma guerra haviam assumido tamanha responsabilidade.

Grandes acervos de arte saqueada já estavam aparecendo em castelos, armazéns, bunkers, depósitos ferroviários e poços de minas alemães, mais do que qualquer um esperava ou do que o público vinha sendo informado. Ao norte de Nuremberg, na mina de sal de Merkers, e numa mina próxima de Heilbronn, soldados haviam deparado com coleções de arte inestimáveis que incluíam pinturas de Da Vinci e esculturas de Michelangelo, além de 300 toneladas de barras de ouro roubadas e milhões de marcos do Reich e dólares americanos. A própria coleção particular do Führer, destinada a um “supermuseu” que ele pretendia construir em sua cidade natal Linz, na Áustria, foi descoberta numa mina de sal na aldeia de Altaussee, nos Alpes austríacos. Grande parte da vasta coleção de arte de Hermann Göring, furtada da família Rothschild em Paris, foi

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "As Relíquias Sagradas de Hitler" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).